

UMA PROPOSTA DE APROXIMAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA AO LIVRO MEDIEVAL

A PROPOSE OF THEORETICAL AND METHODOLOGICAL APPROACH TO THE MEDIEVAL BOOK

Luciano José VIANNA*

Resumo:

O presente artigo apresenta a proposta teórico-metodológica de nossa tese de doutorado sobre o estudo do livro como objeto político no medievo. Nossas investigações nos fizeram perceber o livro como um dos objetos representativos e centrais da cultura política medieval. Apresentamos algumas questões como as abordagens e perspectivas sobre o livro medieval, o livro como objeto da historiografia medieval e os diversos momentos da vida dos textos, principalmente considerando a representatividade do livro como objeto político e de legitimação em um determinado contexto histórico. Como resultados, propomos uma aproximação holística na realização do estudo do livro medieval, proporcionada não somente pelas propostas teóricas das recentes tendências historiográficas, mas também pela perspectiva metodológica que considera todas as características do livro medieval.

Palavras-chave:

Livro medieval; Proposta teórico-metodológica; Significado Histórico

Abstract:

This article show the theoretical and methodological propose about the study of the book as political object in the Middle Ages. Our investigations made us notice the book as one of the representatives and centrals objects of the medieval political culture. In this sense, we show some questions such as the study and perspectivies about the medieval book, the book as object of the medieval historiography and the several moments of the life of the texts, mainly concerning the representativity of the book as political object and legitimation in a historical context. As results, we propose a holistic approach to analyze the medieval book, provided not only by the theoretical proposes of the recent historiographical perspectives, but also by methodological perspective, which consider the characteristics of the medieval book in all.

Keywords:

Medieval Book; Theoretical and Methodological Propose; Historical Meaning

Introdução

Em nossa tese de doutorado (VIANNA, 2014) analisamos os sete primeiros objetos da tradição textual do *Livro dos Feitos (Llibre dels Fets)*, do rei Jaime I de Aragão (1208-1276), compostos entre os anos 1343 e 1557. Nossa intenção foi descobrir o *significado histórico* de cada objeto desta tradição, analisando, de uma forma holística, as características apresentadas em cada exemplar e relacionando-as aos seus respectivos contextos históricos de composição. Consideramos os objetos

* Doutor em História Medieval pela Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Pesquisador do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) da CAPES. Professor colaborador voluntário do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

analisados como pertencentes ao mundo em que foram compostos e, dessa forma, como modelos nos quais o passado (a vida do rei Jaime I) e o presente (a ação dos patrocinadores e *actores*) estavam presentes no mesmo cenário. Desse modo, a vida do rei Jaime I de Aragão fora interpretada nestes sete contextos de composição sempre a partir da perspectiva dos patrocinadores e dos *actores* com relação a sua contemporaneidade, um momento em que a composição de cada objeto analisado serviu como exemplo para uma justificativa no presente e como meio de reivindicação política.

Neste artigo apresentamos nossa proposta teórico-metodológica sobre a perspectiva do livro (manuscrito e impresso) na cultura política medieval. Os resultados destas investigações nos fizeram perceber o livro como um dos objetos representativos e centrais desta cultura. Portanto, nosso artigo basear-se-á na proposta da história cultural em sua crítica das fontes, questionando como e por que determinados textos, imagens e outros elementos foram produzidos e quais foram seus propósitos para o público destinatário (BURKE, 2004, p. 33).

A partir das recentes propostas teórico-metodológicas referentes à historiografia medieval, estudamos o livro como objeto da cultura política medieval não somente com referência aos seus aspectos textuais, mas também materiais e visuais, estabelecendo, assim, uma visão holística sobre o mesmo. Para isso, utilizamos as referências teóricas proporcionadas pelos estudos de Hayden White, Gabrielle M. Spiegel e Roger Chartier complementadas por um aparato metodológico interdisciplinar com o objetivo de singularizar cada objeto estudado.

A finalidade desta proposta teórico-metodológica é estabelecer para o objeto analisado o que denominamos o *significado histórico*, ou seja, o motivo pelo qual determinado objeto foi composto em um contexto temporal e espacial, inserido em uma conjuntura política na qual a cultura, a memória e a identidade foram fatores cruciais para sua composição e se refletiram em suas informações textuais, visuais e materiais.

Uma vez individualizado, singularizado e compreendido dentro do seu contexto de composição, cada objeto de uma determinada tradição textual apresenta características particulares que indicam o motivo pelo qual foi composto, ou seja, o seu *significado histórico*. Nesse sentido, para compreender a particularidade destes objetos, seguimos uma proposta distinta da formação de uma edição crítica,¹ estudando cada objeto a partir de suas singularidades, ressaltando-as a partir de uma perspectiva comparatista entre os mesmos, encontrando a importância de cada objeto em cada contexto de composição e compreendendo-os historicamente como artefatos simbólicos.

Há mais de um século, a disciplina histórica passou por mudanças de paradigma e formulou novas metodologias para o estudo dos objetos de pesquisa. Conseqüentemente, a aplicação destas mudanças metodológicas e epistemológicas favoreceu permanentemente sua renovação, tanto que, aproximadamente, nos últimos cem anos podemos falar de mudanças no campo teórico e historiográfico desde o positivismo ao pós-modernismo (AURELL, 2005).

Desde os últimos anos do século XX, surgiram novas metodologias para o tratamento da historiografia no medievo. De uma forma específica, a historiografia medieval tornou-se um dos campos de trabalho mais privilegiados para uma aproximação à realidade histórica de uma forma mais concreta, inclusive para aplicar as tendências atuais dos estudos históricos (NICHOLS, 1991, p. 1-26).

O estudo das crônicas medievais foi se modificando com o decorrer dos anos. Em um primeiro momento, as crônicas medievais foram utilizadas como testemunho literário e histórico em um contexto em que as mesmas eram compreendidas pelos historiadores como um objeto no qual estavam contidas informações que lhes proporcionariam dados sem nenhuma perspectiva crítica de análise. Em um segundo momento, os autores do século XIX estudaram-nas para compor suas narrativas factuais, utilizando suas informações com pouco ou nenhum exercício crítico e, do mesmo modo, considerando-as como um acesso direto à realidade passada. Em um terceiro momento, a historiografia do século XIX considerou tais documentos a partir de suas características históricas, linguísticas e literárias para obter dados para elaborar sínteses históricas (RUBIÉS e SALRACH, 1985-1986, p. 467-506). Em resumo, o descrédito em relação a este tipo de documento se intensificou com o passar dos anos, de forma que foi considerado como um tipo de fonte que não proporcionava quase nenhum crédito à respeito da perspectiva crítica histórica.

Entretanto, devido a alguns fatores, tal compreensão foi consideravelmente modificada nas últimas décadas. Por um lado, o interesse na historiografia medieval, advindo principalmente das tendências historiográficas como o *New Medievalism*, a *New Philology* e o *New Historicism*, possibilitou uma abordagem interdisciplinar do estudo dos objetos, uma ênfase no contexto de produção, uma atenção às práticas de escrita e de leitura e uma melhor compreensão dos gêneros históricos produzidos no medievo (AURELL, 2012, p. 1-18). Por outro lado, o surgimento, o desenvolvimento e a difusão de ciências e técnicas historiográficas de disciplinas como a crítica textual, a

bibliografia, a paleografia e a codicologia permitiram aos investigadores aproximarem-se do objeto de estudo a partir da perspectiva dos seus leitores originais (CHARTIER, 1989, p. 1505-1520). A análise de um objeto a partir dos conhecimentos teóricos e práticos destas disciplinas pode auxiliar, por exemplo, a delimitar com mais exatidão o contexto e o local de composição de uma crônica através dos traços de uma letra, das filigranas de um fólio, e de outros fatores. Dessa forma, o avanço da teoria e da metodologia no campo dos estudos históricos proporcionou uma nova visão epistemológica e novas formas de abordagem dos objetos, dentre eles a crônica medieval.

Devido ao avanço das ciências e técnicas historiográficas e dos referentes teóricos no campo histórico,² a melhora das análises teórica e metodológica das crônicas medievais, e, conseqüentemente, do livro medieval, demonstrou uma profunda alteração, principalmente no sentido de proporcionar mais importância histórica à sua composição e também um destaque holístico a esse objeto de estudo.

Como as crônicas medievais são objetos polifônicos em sua constituição, ou seja, com características textuais, visuais, paleográficas e codicológicas, devemos considerar que os aspectos narrativos não são os únicos que devem ser analisados, como o fizera insistentemente a historiografia do século XIX (AURELL, 2006, p. 809-832).³ Os aspectos paleográficos, codicológicos e visuais, que são decisivos para estudar tais objetos, apresentam o mesmo nível de importância que os aspectos textuais.⁴

Ao observar as crônicas medievais como objetos cuja preparação incluía uma investigação do passado, ora para transformá-lo, ora para representá-lo, mas sempre para utilizá-lo, o objeto que continha tais informações transformava-se no transmissor no qual se articulavam as ideias do presente referente às tentativas de mudança do passado. Ao elaborar tal objeto, os patrocinadores e *actores* tinham consciência da importância do mesmo não somente para o contexto passado, mas também e, principalmente, para o contexto presente.

Ao se realizar a partir de uma perspectiva global, a análise da crônica medieval se expande para diversos aspectos que estão relacionados não somente com o seu conteúdo, mas também com o seu momento de composição. Assim, considerando os últimos avanços teórico-metodológicos com respeito às crônicas medievais, tais objetos devem ser estudados a partir de três aspectos: como fonte que narra uma época, como fonte que faz parte da época em que foi composta e como artefato literário que deve ser entendido em sua forma e conteúdo (AURELL, 2013, p. 95-142).⁵

Nesse sentido, as crônicas medievais devem ser estudadas a partir da “perspectiva medieval”, como objetos de instrução moral, como artefatos nos quais era possível encontrar bons e maus exemplos de conduta (SPIEGEL, 1975, p. 314-325). Durante o medievo, havia uma intenção de utilizar os acontecimentos do passado como modelos que deveriam ser imitados e o artefato que continha o passado transformava-se em um transmissor em que eram articuladas as ideias do presente em forma de tentativa de “modificar” o passado a partir dos problemas contemporâneos, “estabelecendo”, neste passado, as soluções para os problemas contemporâneos.

Ao transformar-se em um transmissor de ideias que relacionavam o passado e o presente, a crônica medieval adquiria um aspecto simbólico importante para o contexto político no qual era utilizada. Portanto, quando estudamos a relação entre um texto e o seu contexto devemos considerar não somente a apropriação dos patrocinadores e *actores* do objeto (CHENU, 1927, p. 81-86; TEEUWEN, 2003, p. 222-223), mas também o significado do artefato a partir de suas particularidades textuais e materiais (CHARTIER, 2005, p. 7-15).⁶

O livro como objeto da historiografia medieval

Na escrita da história, diversas vezes o presente e o passado fizeram parte do mesmo contexto e foram materializados em um objeto visual, arquitetônico ou textual. Neste processo de construção histórica, diversas perspectivas influenciaram a produção do documento, de forma que os indícios do contexto de produção podem ser encontrados no objeto composto.

No processo historiográfico de composição de um objeto, no nosso caso o livro, devemos ressaltar o seu significado (HOLTZ, 1998, p. 10).⁷ Antes considerado como portador da palavra verdadeira inserida em um contexto religioso, durante o século XIII o livro foi cada vez mais utilizado em outros contextos e com outras finalidades, como, por exemplo, na composição das crônicas e tratados políticos medievais, fato que possibilitou a transformação política do livro baseado no simbolismo da herança bíblica (VIANNA, 2012).

Em um contexto em que a linguagem escrita e a oral mesclavam-se (BATANY, 2002, p. 383-396) e em que a utilização do escrito como suporte da memória se intensificava (LE GOFF, 1988, p. 140), o livro foi associado à “verdade” e à “memória”, conceitos que destacavam o seu significado: um objeto que continha informações que eram preservadas e que deveriam ser acreditadas como verdadeiras.

Por exemplo, tais associações ocorreram em duas das principais obras historiográficas compostas no Principado da Catalunha entre os séculos XII e XIII, ou seja, as *Gestas dos condes de Barcelona e reis de Aragão* e o *Livro dos Feitos* do rei Jaime I de Aragão, respectivamente: “Iste *liber* ostendi *veritatem* primi comitis Barchinonae et omnium aliorum qui post eum venerunt” (*Gesta comitum Barcinonensium*, 1925, p. 22); “E per tal que ls hòmens coneguessen e sabessen can hauríem passada aquesta vida mortal, ço que nós hauríem feyt ajudam-nos lo Seyor poderós, en qui és vera trinitat, leixam aquest *libre* per *memòria*” (*Llibre del rei En Jaume I*, 1343, fòlio 1v).

Esta conjunção “livro-verdade” deve-se à reunião de três elementos: a narrativa, o assunto trabalhado e o objeto material. Como já foi diversamente estudada, a narrativa representa uma construção de fatos de algo que ocorrera no passado e o simples fato de narrá-los, ou melhor, de construir sob a forma narrativa o que ocorrera no passado, já denota a sua importância. Ademais, deve-se levar em consideração que este ato não ocorria frequentemente e também o tempo que durava a composição do mesmo, características que legitimam a importância de sua composição.

O simbolismo do objeto que servia de suporte para esta narrativa, ou seja, o livro, era representativo já no século XII, o qual, ao fazer parte do comportamento político cultural das realezas europeias (VIANNA, 2013), possuía inicialmente um simbolismo bíblico e posteriormente político. A narrativa, juntamente com o livro contando a história de um personagem, tornava a história deste importante, o que singularizava esse objeto e suas dimensões em um conjunto “livro-verdade”.

Entretanto, o livro medieval não deve ser entendido por nós, leitores do século XXI, como o portador da “verdade”; devemos compreendê-lo a partir da perspectiva de seu patrocinador/*actor* como um objeto da “verdade”, vinculado a uma perspectiva legitimadora que o tornava um instrumento crucial e central da política medieval.

Uma vez estudado em seu contexto de composição, devemos compreender o livro medieval como um objeto polifônico, o qual apresenta diversos níveis de intervenção em sua composição e que, portanto, dispõe de diversas informações que, interpretadas em conjunto, formam um grupo de dados necessários para compreender sua criação. A realização de uma análise detalhada, não somente das características que estes objetos apresentam, mas também a relação destas características com o contexto de composição, auxiliam compreendê-los como “personagens” que faziam parte de determinados contextos de composição e que tinham uma presença política simbólica significativa em tais contextos. Os livros, portanto, eram objetos de poder da política

real medieval. Como destacou Jacques Le Goff, os símbolos do poder devem ser estudados para se alcançar a compreensão da história política, a qual, segundo o historiador francês, deixou de ser a espinha dorsal e passou a ser o núcleo da História (LE GOFF, 1985, p. 333-349).

Uma proposta de aproximação teórico-metodológica ao livro medieval

Como o livro medieval apresenta uma composição polifônica, para analisá-lo necessitamos de um referencial teórico-metodológico que não somente privilegie a perspectiva holística de suas características, mas também que possa relacioná-las entre si e interpretá-las de acordo com o contexto de composição do documento.

Para isso, é necessária a utilização de um referencial teórico-metodológico que considere as principais características destes objetos, como, por exemplo, oriundos de um contexto histórico específico, que foram elaborados por patrocinadores e *actores*, os quais, para tal elaboração, recuperaram informações do passado que estavam presentes na memória social e na memória cultural de um determinado território. Essas informações foram transformadas em textos historiográficos, os quais ocuparam um espaço importante na sociedade à qual pertenceram e que não somente foram apropriados pelos patrocinadores e *actores*, mas também serviram como representação do passado. Serão essas informações que veremos nos próximos seis subtítulos, principais pontos de nosso artigo.

Os diversos momentos da vida dos textos

Ao se analisar um livro medieval, deve-se considerar seus aspectos de composição, já que há a possibilidade de existir diferenças entre o objeto original e suas posteriores cópias. Basicamente, havia três momentos na vida dos livros. O primeiro era o momento criativo; o segundo era a entrega ao patrocinador que o encomendou e o terceiro era a posterior cópia ou reprodução (ou reproduções, que posteriormente formavam uma tradição textual) (GIMENO BLAY, 2002, p. 115-141).

Os conceitos de actor/auctor

Ao considerar os diversos momentos da vida dos livros, devemos especificar os personagens que os compuseram. Neste sentido, utilizar os conceitos de *actor* e *auctor* a

partir do seu significado medieval auxilia na compreensão do significado da produção dos objetos.

Na produção literária da Antiguidade, o conceito de *actor* apresentava um sentido amplo, sem uma utilização específica e o conceito de *auctor* referia-se, por um lado, a um significado mais aberto, ou seja, “àquele que produz”; e, em um sentido mais particular, “àquele que produz um livro”. Durante o medievo, o significado de tais conceitos se modificou: o conceito de *actor* se apropriou do significado particular do conceito de *auctor*, ou seja, “aquele que produz um livro” e o conceito de *auctor* passou a significar “aquele que tem a autoridade” (*auctoritas*), ou seja, aquele que estabelece uma opinião autêntica sobre uma questão qualquer (CHENU, 1927, p. 81-86; TEEUWEN, 2003, p. 222-223).

Após a composição original de um livro pelo seu *auctor*, sobre o qual este estabelecia sua *auctoritas*, as posteriores reproduções dependiam tão somente dos patrocinadores e dos *actores*, os quais atuavam de acordo com o contexto em que viviam: assim, eliminavam, acrescentavam e modificavam as informações do objeto de acordo com os seus conhecimentos linguísticos, religiosos, morais, políticos e literários (BLECUA, 1983, p. 163). Quando copiavam um manuscrito ou solicitavam uma nova cópia, os patrocinadores e *actores* realizavam uma tarefa exaustiva e introduziam informações que eram próprias do seu tempo histórico no objeto que seria composto (ALTURO I PERUCHO, 2003, p. 250-257).⁸ Portanto, na análise do livro medieval e, principalmente, de uma tradição textual, devemos considerar as diversas possibilidades de alterações de informações com relação ao objeto original.

A memória social e a memória cultural

No caminho em direção ao passado, os patrocinadores e *actores* se aproximavam ao âmbito da memória. Esta representava uma função destacada no mundo social, cultural e também entre os elementos da historiografia. É certo que, nas sociedades nas quais a escritura não era prioridade na realização de um ato, os objetos e os gestos serviam para a manutenção da memória, de forma que, às vezes, se encontravam objetos juntamente a algum documento, já que a presença deste não era suficiente para confirmar a manutenção do compromisso estabelecido. Entretanto, posteriormente, quando a memória foi registrada em um objeto durável, como, por exemplo, o papel ou o pergaminho, a escritura tornou-se um suporte da memória (LE GOFF, 1988, p. 138-140). Neste sentido, as investigações sobre a memória evidenciaram a existência de uma

memória social como parte do processo pelo qual a sociedade renovava e reformava a sua compreensão do passado para integrá-lo em seu presente (GEARY, 2003, p. 527-536).

No que diz respeito à problemática deste artigo, ou seja, à elaboração de um documento e a sua relação com o contexto de composição, a perspectiva da memória cultural também deve ser destacada. De acordo com a proposta de Jan Assmann, a memória cultural é um conceito coletivo relacionado ao comportamento e à experiência, localiza-se na estrutura interativa de uma sociedade e se mantém por meio de retransmissões e práticas sociais. Ademais, a memória cultural se fundamenta nos acontecimentos decisivos do passado que são mantidos por intermédio das formações culturais (como, por exemplo, os textos e os monumentos) e as comunicações institucionais (como as práticas e os hábitos). Ao redor destas formações culturais e destas comunicações institucionais, há a articulação de três pontos que convergem e se relacionam: a memória, a cultura e a sociedade.

Nesse sentido, a memória cultural:

1) preserva o estoque de conhecimento a partir do qual um grupo se origina e tem consciência de sua unidade e peculiaridade;

2) reconstrói o passado sempre fazendo referência a uma situação atual por meio de apropriações, críticas, manutenções e transformações;

3) materializa o significado comunicado e o conhecimento compartilhado coletivamente dentro da transmissão de uma herança culturalmente institucionalizada por intermédio de textos, imagens e rituais;

4) está organizada no sentido de que depende de um tipo de suporte especializado para ser difundida;

5) é uma referência obrigatória que consiste em uma utilização formativa e normativa e

6) é reflexiva no sentido prático-reflexivo (dentro do qual estão contidas as práticas comuns, como por exemplo os provérbios, máximas e rituais), auto-reflexivo (dentro do qual a abordagem explica, distingue, interpreta, critica, censura e controla) e reflexivo (na medida em que reflete a imagem do grupo por meio de sua preocupação com o sistema social) (ASSMANN, 1995, p. 125-133).

Em resumo, a memória cultural compreende um *corpus* de textos, imagens e rituais que podem ser utilizados diversas vezes, a difusão dos quais serve para estabilizar e transmitir a autoimagem de uma sociedade (ASSMANN, 1995, p. 125-133). Desta forma, os patrocinadores e *actores*, ao reproduzirem um livro manuscrito ou

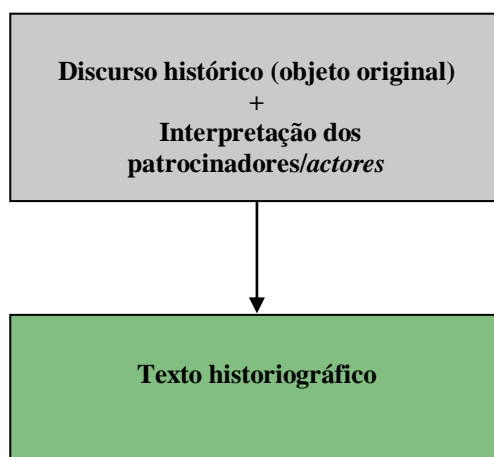
impresso, aproximavam-se à memória mantida no tempo e no espaço, renovavam a sua compreensão a partir do seu presente e faziam com que a memória fosse transmitida a sua sociedade.

A composição do texto historiográfico

O resultado desta ação dos patrocinadores e *actores*, ao recordarem o passado e se aproximarem do campo da memória, era a materialização de um objeto. E a escrita, por meio da composição de um discurso, era um dos caminhos escolhidos para essa composição. De acordo com Hayden White, o discurso histórico fundamenta-se na existência de um passado e, portanto, ao existir um passado, o discurso histórico pode ser composto. O produto final do ato de composição do discurso histórico é o texto historiográfico, o qual tem como principal característica a forma narrativa (WHITE, 1999, p. 1-26).⁹ Portanto, podemos afirmar que cada vez que um discurso histórico é transformado em um texto historiográfico tal criação se encontra situada em um tempo e em um espaço específicos (WHITE, 1982, p. 51-80).¹⁰

Esquema 1

Discurso histórico (objeto original) + interpretação dos patrocinadores/*actores*
x
Texto historiográfico



A ideia de discurso histórico e a sua transformação em texto historiográfico é crucial para compreender a composição do livro medieval e dos objetos de uma tradição textual, já que cada objeto foi composto em um contexto distinto do original e foi materializado, isto é, transformado em texto historiográfico sob condições políticas, sociais e culturais distintas. Considerar, portanto, cada objeto com sua especificidade

(textual, material e contextual) é necessário para se compreender melhor suas condições de produção, suas características e seus motivos de composição.

A importância do contexto histórico. A interação texto-contexto

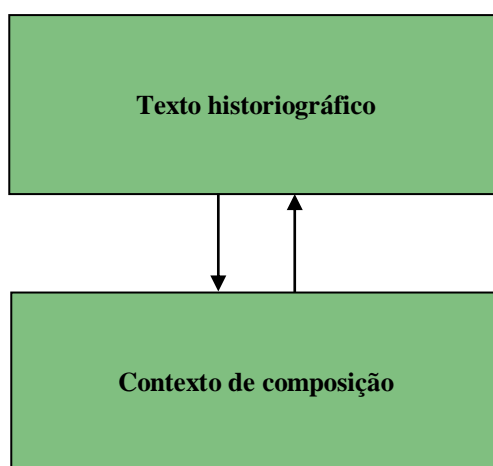
Se admitirmos que, no momento da reprodução dos objetos, os patrocinadores e os *actores* decidiram quais seriam suas novas características; devemos admitir também que o ato de compor o discurso histórico foi uma ação situada no tempo e no espaço. Dessa forma, é necessário compreender os aspectos políticos, sociais e culturais do contexto histórico de produção.

Segundo Gabrielle M. Spiegel, quando se realiza um estudo historiográfico de determinados objetos, a partir da perspectiva texto-contexto, deve-se levar em consideração alguns aspectos sobre os mesmos, como, por exemplo, o fato de que:

- 1) ocupam espaços sociais como obra do mundo social dos seus autores;
- 2) refletem e geram realidades sociais;
- 3) representam os usos locais da linguagem;
- 4) apresentam um conjunto de informações originadas no contexto em que foram elaborados;
- 5) refletem práticas discursivas e materiais em suas características e
- 6) devem ser analisados com base no contexto de composição para se descobrir o mundo representado e internalizado no texto (SPIEGEL, 1990, p. 59-86).¹¹

Esquema 2

Texto historiográfico
x
Contexto de composição



De acordo com esta proposta, os textos históricos medievais não são mais concebidos como documentos históricos pouco confiáveis. Em especial, o livro medieval e seus gêneros historiográficos passam a ser analisados como uma realidade coerente em si mesmo, tanto no âmbito histórico como no literário, necessitando, assim, de condições teórico-metodológicas específicas para serem compreendidos em sua totalidade (AURELL, 2006, p. 809-832). Portanto, para analisar o livro medieval, deve-se partir da análise da interação entre o texto historiográfico e o contexto histórico (SPIEGEL, 1999, p. 1-12).¹²

Se combinarmos a proposta de White à de Spiegel, observaremos que as duas ideias se complementam. O texto historiográfico de White é o passado interpretado através de uma narrativa e materializado por meios diferentes, como, por exemplo, as crônicas medievais. Como a passagem do discurso histórico para o texto historiográfico comporta a interpretação dos patrocinadores e dos *actores* que formam parte de um contexto histórico, a interpretação influencia não somente na composição da narração, mas também na composição de outros elementos materiais do objeto, produzindo, assim, um significado, o qual é descoberto quando se analisa o objeto a partir do seu contexto e condições de produção.

Além dos aspectos textuais

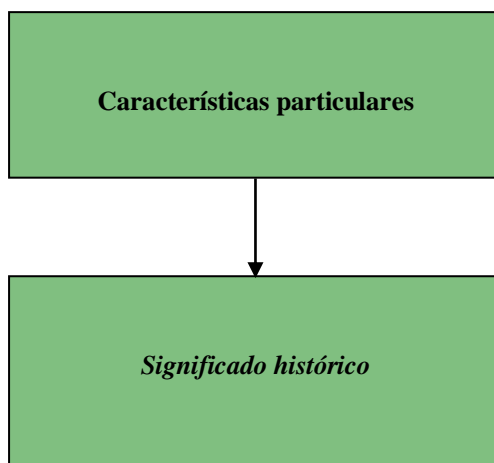
Além das referências teóricas de White e Spiegel, as observações de Roger Chartier são enriquecedoras e necessárias para este estudo, já que este autor considera que as interações entre as obras produzidas e o mundo social consistem não somente na apropriação estética e simbólica dos objetos, linguagens e práticas rituais ou cotidianas, mas também são representadas pelas relações entre o texto e suas materialidades, entre a obra e suas inscrições (CHARTIER, 2005, p. 7-15). Dessa maneira, a simples abordagem narrativa do livro medieval não favorece a compreensão do seu motivo de composição e tampouco sua compreensão holística.

Uma vez composto, o livro era utilizado pela autoridade que havia patrocinado sua composição, tornando-se, assim, um suporte útil (CHARTIER, 1994, p. VIII). Neste sentido, ao investigar o simbolismo destes objetos devemos entender como e por que tais objetos foram compostos em determinado contexto. Assim, para analisar o livro medieval em sua perspectiva holística, devemos estabelecer como fundamento uma proposta que considere as diversas informações apresentadas pelo objeto, ou seja,

materiais, visuais, entre outros, os quais podem informar os dados sobre as condições de produção dos mesmos e as intenções dos patrocinadores e *actores*.

Esquema 3

Características particulares dos textos
x
Significado histórico



Desse modo, o simbolismo do livro como objeto no medievo pode ser encontrado não somente na análise textual e contextual de sua composição, mas também em sua materialidade. Assim, tal objeto apresenta possibilidades de investigação muito além dos aspectos textuais.

Neste caso, disciplinas que fazem parte das ciências e técnicas historiográficas, como a codicologia, a paleografia, a filologia, a bibliologia, a bibliografia, entre outras, proporcionam uma aproximação considerável ao objeto estudado, analisando suas características materiais e esboçando uma história cultural do livro no contexto em que foi composto (CHARTIER, 1989, p. 1505-1520).¹³ Ademais, como obras de um contexto de composição, tais objetos, estudados a partir das contribuições antes destacadas, apresentam características do momento de composição, o que ajuda a definir melhor o *significado histórico* dos objetos.

Proposta metodológica

Os três níveis de aplicação teórica explicados anteriormente (White, Spiegel e Chartier) devem ser complementados por um aparato metodológico interdisciplinar. A composição de tal aparato deve ter como base os princípios da crítica textual, da

paleografia, da codicologia, da filologia e da história da arte, o que auxilia a singularização dos objetos que pertencem a uma tradição textual.

Inicialmente, é necessário realizar a formulação de um inventário provisional das informações do objeto. Assim, observar suas características textuais, visuais e materiais, por meio das propostas de disciplinas das ciências e técnicas historiográficas é crucial para poder proporcionar uma “identidade” ao objeto. Em seguida, como consequência desta aproximação inicial, são estabelecidas quais questões serão tratadas de acordo com os dados encontrados e analisados, buscando identificar o contexto de composição do objeto. Por exemplo, através da análise paleográfica é possível estabelecer uma data aproximada em que um texto foi composto; ou, seguindo os pressupostos da codicologia, é possível estabelecer uma data aproximada de composição de um códice através da análise das filigranas dos fólios. Uma vez analisado e determinado seu contexto de composição, interpreta-se a função do mesmo em seu contexto, estudando-o como personagem ativo aos quais foram proporcionadas diferentes características e que se encontravam em uma situação social, cultural e de construção de identidade.

Neste sentido, identificam-se as diversas informações de cada objeto e, portanto, nos aproximamos aos dados referentes ao momento da vida dos textos, às intenções dos personagens implicados em suas reproduções, à transmissão da memória no âmbito social e cultural, às propostas de composição de um texto, à importância do contexto de composição e, também, às representações formuladas pelo objeto.

Considerações finais

Nossos objetivos neste artigo foram apresentar algumas perspectivas teórico-metodológicas com relação ao livro medieval, considerando-o como um objeto pertencente a um determinado contexto histórico e como produto do comportamento político e cultural do seu momento de composição. Ademais, também foi nossa intenção destacar as possíveis análises do mesmo a partir das propostas das últimas tendências historiográficas e metodológicas relativas ao conhecimento histórico, tais como o *New Medievalism*, a *New Philology* e o *New Historicism*.

Para isso, consideramos o pressuposto de que, quando o livro medieval é analisado a partir das propostas das recentes tendências historiográficas e das recentes metodologias existentes no campo histórico, apresenta importantes informações a respeito do seu contexto de composição e, conseqüentemente, é visto como objeto que fazia parte da cultura política do seu contexto.

A análise das características destes objetos a partir de uma visão holística proporciona não somente informações a respeito de sua natureza narrativa, mas também visual e material, ressaltando, assim, os motivos de sua composição e sua função no contexto em que foram compostos.

Dessa forma, entendemos que a proposta teórico-metodológica apresentada neste artigo favorece uma aproximação holística a estes objetos de estudo, nos quais é possível observar suas perspectivas textuais, materiais e visuais, e considerá-las de acordo com o contexto de composição dos mesmos. Com isso, espera-se identificar as diversas funções que o livro medieval exercia nos contextos em que estava presente, destacando-o como um importante objeto da cultura política medieval.

Portanto, nossa intenção foi apresentar uma proposta teórico-metodológica para ressaltar a importância do livro medieval como um objeto da cultura política no medievo, compreendendo-o não somente como uma série de informações textuais, materiais e visuais, mas também relacionando-as ao seu contexto de composição e desvendando seu significado no contexto em que foi composto. Para isso, a abordagem teórico-metodológica proposta a partir de tendências historiográficas recentes e com base nos pressupostos das ciências e técnicas historiográficas possibilita uma aproximação mais concisa, já que tais tendências e técnicas refletem novas perspectivas de estudo e abordagem dos objetos históricos e, principalmente, com relação às crônicas medievais, opondo-se às antigas tendências historiográficas. Assim, esperamos com esta proposta fundamentar e estabelecer novas perspectivas e abordagens sobre o livro na cultura política medieval, fazendo com que o mesmo seja compreendido como um personagem ativo no contexto em que foi composto.

Referências

Fontes

Gesta comitum Barcinonensium: textos llatí i català. Editats i anotats per L. Barrau Dihigo i J. Massó Torrents. Barcelona: Fundació Concepció Rabell i Cibilís, Viuda Romaguera, 1925.

Llibre del rei En Jaume I, 1343, Biblioteca de la Universitat de Barcelona, ms. 1.

Bibliografia

ALTURO I PERUCHO, Jesús. *Història del llibre manuscrit a Catalunya*. Barcelona: Generalitat de Catalunya, 2003.

ASSMANN, Jan. Collective Memory and Cultural Identity. *New German Critique*, 65, p. 125-133, 1995.

- AURELL, Jaume. El nuevo medievalismo y la interpretación de los textos históricos. *HISPANIA. Revista Española de Historia*, 224, 66, p. 809-832, 2006.
- AURELL, Jaume. Introduction. In: AURELL, Jaume. *Authoring the Past. History, Autobiography, and Politics in Medieval Catalonia*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2012, p. 1-18.
- AURELL, Jaume. *La escritura de la memoria*. De los positivismos a los postmodernismos. València: Publicacions Universitat de València, 2005.
- AURELL, Jaume. La historiografía medieval: siglos IX-XV. In: *Comprender el pasado. Una historia de la escritura y el pensamiento histórico* (Aurell, Jaume; Balmaceda, Catalina; Burke, Peter; Soza, Felipe). Madrid: Ediciones Akal, 2013, p. 95-142.
- BATANY, Jean. Escrito/Oral. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. (Org.) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 383-396.
- BLECUA, Alberto. *Manual de crítica textual*. Madrid: Editorial Castalia, 1983.
- BURKE, Peter. *New Perspectives on Historical Writing*. Cambridge, 1992.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- CHARTIER, Roger. Le monde comme représentation. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, 6, 44, p. 1505-1520, 1989.
- CHARTIER, Roger. Mystère esthétique et matérialités de l'écrit. In: CHARTIER, Roger. *Inscrire et effacer: culture écrite et littérature (XIe-XVIIIe siècle)*. Paris: Le Seuil/Gallimard, 2005, p. 7-15.
- CHARTIER, Roger. *The Order of Books*. Stanford: Stanford University Press, 1994.
- CHENU, Marie-Dominique. Auctor, actor, autor. *Archivum Latinitatis Medii Aevi*, 3, p. 81-86, 1927.
- GIMENO BLAY, Francisco M. Produir llibres manuscrits catalans (ss. XII-XV). In: BADIA, Lola; CABRÉ, Mirian; MARTÍ, Sadurní. *Literatura i cultura a la Corona d'Aragó* (ss. XIII-XV) – *Textos i estudis de cultura catalana*. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2002, p. 115-141.
- HOLTZ, Louis. Avant-Propos. In: *Le livre au Moyen Âge*. Paris: Presses du CNRS, 1998, p. 10-11.
- IGGERS, Georg. G. *New Directions in European Historiography*. Middletown, 1984.
- LE GOFF, Jacques. *Histoire et mémoire*. Paris: Gallimard, 1988.
- LE GOFF, Jacques. L'histoire politique est-elle toujours l'épine dorsale de l'histoire? In: LE GOFF, Jacques. *L'imaginaire médiéval: essais*. Paris: Gallimard, 1985, p. 333-349.
- GEARY, Patrick. Memória. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. (Org.) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 167-181.
- McKENZIE, D. F. *Bibliography and the Sociology of Texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- NICHOLS, Stephen G. Introduction: Philology in a Manuscript Culture. *Speculum*, 1, 65, p. 1-10, 1990.
- NICHOLS, Stephen G. The New Medievalism: Tradition and Discontinuity in Medieval Culture. In: BROWNLEE, Kevin; BROWNLEE, Marina S.; NICHOLS, Stephen G. (Orgs.). *The New Medievalism*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1991, p. 1-26.
- RUBIÉS, Joan Pau i SALRACH, Josep M. Entorn de la mentalitat i la ideologia del bloc de poder feudal a través de la historiografía medieval fins a Les Quatre Grans Cròniques. In: PORTELA I COMAS, Jaume (org.). *La formació i expansió del feudalisme català*. Actes del col·loqui organitzat pel Col·legi Universitari de Girona (8-11 de Gener de 1985). *Revista del Col·legi Universitari de Girona*. Universitat Autònoma de Barcelona, 1985-1986, p. 467-506.

- SPIEGEL, Gabrielle M. History, Historicism and the Social Logic of the Text. *Speculum*, 1, 65, p. 59-86, 1990.
- SPIEGEL, Gabrielle M. Political Utility in Medieval Historiography: a Sketch. *History and Theory*, 3, 14, p. 314-325, 1975.
- SPIEGEL, Gabrielle M. *Romancing the Past: the Rise of Vernacular Prose Historiography in Thirteenth-Century France*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1995.
- SPIEGEL, Gabrielle M. Theory into Practice: Reading Medieval Chronicles. In: *The Medieval Chronicle*. Vol. I. Edited by Erik Kooper. Amsterdam/Atlanta: Rodopi, 1999, p. 1-12.
- STONE, Lawrence. *The Past and the Present*. Boston, 1981.
- TEEUWEN, Mariken. *The Vocabulary of Intellectual Life in the Middle Ages*. Turnhout: Brepols, 2003.
- VIANNA, Luciano J. *Methodological Approaches to Cultural History: Studies and Applications. The Book as an Object of the Political Cultural Behaviour*. Warburg Institute. University of London. Programme of Grants for Research Stays Abroad of AGAUR (BE-DGR 2011). London, 2012.
- VIANNA, Luciano J. O comportamento político cultural no medievo: uma aproximação. *Revista História e Cultura* (Dossiê Debates historiográficos sobre a Antiguidade e o Medievo), 2, 3, P. 451-472, 2013.
- VIANNA, Luciano J. *El significat històric de la tradició textual del Llibre dels Fets (1343-1557)*. 2014. Tese (Doutorado em “Culturas en contacto en el Mediterráneo” – Departamento de Ciencias de la Antigüedad y de la Edad Media). Facultad de Filosofía y Letras. Universitat Autònoma de Barcelona. Barcelona (Espanha), 2014.
- WHITE, Hayden. Interpretation in History. In: *Tropics of Discourse*. Essays in Cultural Criticism. Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 1982, p. 51-80.
- WHITE, Hayden. Literary Theory and Historical Writing. In: *Figural Realism*. Studies in the Mimesis Effect. Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 1999, p. 1-26.
- WENZEL, Siegfried. Reflections on (New) Philology. *Speculum*, 1, 65, p. 11-18, 1990.

¹ “Definitive editions have come to seem an impossible ideal in the face of so much evidence of authorial revision and therefore of textual instability. *Each version has some claim to be edited in its own right, with a proper respect for its historicity as an artefact.*” (McKENZIE, 199, p. 2)

² Para consultar os diagnósticos da mudança historiográfica, ver: STONE, 1981; IGGERS, 1984; BURKE, 1992; AURELL, 2005.

³ “Ya no se trata tanto de distinguir lo verdadero de lo falso en los textos históricos medievales, de localizar los pasajes espurios de las crónicas, como de analizar las relaciones entre el texto y el contexto. Se parte de la idea de que esas narraciones tienen una intencionalidad concreta. Se tiene en cuenta que la literatura de ficción prolifera en las sociedades sin excesivas necesidades de justificación y, en cambio, los textos históricos abundan en las sociedades problematizadas, que precisamente buscan consolidarse a través de la aprehensión de un pasado remoto glorioso. Se huye de una lectura ingenuamente racionalista y positivista de las crónicas, buscando una interpretación que tenga en cuenta sus simbologías, sus mitos, sus medias verdades y sus elocuentes silencios.”

⁴ Sobre os aspectos materiais, as reflexões de Siegfried Wenzel são bem esclarecedoras: “During the past two generations, *codicology and palaeography* have become immensely refined disciplines and have produced new bodies of information that would rightly be the envy of our elders. In contrast to them, we can no longer consider a codex as a mere receptacle that happens to have preserved the text under investigation; instead, a modern editor will have to look at the manuscript ‘holistically’, as a total unit about whose physical makeup, composition, and history he or she will want to know as much as possible.” (WENZEL, 1990, p. 11-18). As informações visuais também obtiveram sua importância na investigação acadêmica nas últimas décadas. Neste sentido, as informações de Stephen Nichols são cruciais para entender a cultura dos livros manuscritos e impressos, analisando-os como objetos em que diversos personagens participaram de sua composição e que, portanto, apresentam diversos sistemas de representação. “The medieval folio was not raw material for text editors and art historians working

separately. It contained the work of different artists or artisans –poet, scribe, illuminator, rubricator, commentator– who projected collective social attitudes as well as interartistic rivalries onto the parchment. The manuscript folio contains different systems of representation: poetic or narrative text, the highly individual and distinctive scribal hand(s) that inscribe that text, illuminated images, colored rubrications, and not infrequently glosses of commentaries in the margins of interpolated in the text. Each system is a unit independent of the others and yet calls attention to them; each tries to convey something about the other while to some extent substituting for it.” (NICHOLS, 1990, p. 1-10).

⁵ “(...) la interpretación y crítica de la historiografía medieval se ha centrado durante demasiado tiempo en el discernimiento entre la verdad y la falsedad de las crónicas medievales. Sin embargo, la historiografía medieval es algo mucho más complejo, que merece una metodología específica para analizarla, en buena medida por su triple dimensión textual y heurística: es fuente histórica respecto a la época que está narrando, fuente histórica respecto a la época desde donde está narrando y, no menos importante, artefacto literario con todas sus características de contenido y de forma que es preciso desentrañar.”

⁶ “Les transactions entre les œuvres et le monde social ne consistent pas uniquement dans l’appropriation esthétique et symbolique d’objets ordinaires, de langages et de pratiques rituelles ou quotidiennes comme le veut le ‘New Historicism’. Elles concernent plus fondamentalement les relations multiples, mobiles, instables, nouées entre *le texte et ses matérialités, entre l’œuvre et ses inscriptions*. Le processus de publication, quelle que soit sa modalité, est toujours un processus collectif, qui implique des acteurs nombreux et qui ne sépare pas la matérialité du texte de la textualité du livre. Il est donc vain de vouloir distinguer la substance essentielle de l’œuvre, tenue pour toujours semblable à elle-même, et les variations accidentelles du texte, considérées comme sans importance pour sa signification.”

⁷ Ao comentar sobre a história do livro, Louis Holtz fez a seguinte afirmação: “Si l’objet est pour l’essentiel resté le même, *son contenu et sa fonction se sont modifiés profondément* dès lors que les peuples méditerranéens se convertissaient au christianisme. *Propagé dans le monde hellénistique et romain par le goût des choses de l’esprit et par l’école* –institution demeurée stable durant des siècles–, le livre ne pouvait que survivre à la disparition de cette société antique et de son système scolaire, *dès lors que c’est à travers un Livre que Dieu avait parlé aux hommes*. Pendant tout le Moyen Age, le sort du livre est donc indissolublement lié à l’Église. Et ce qui est vrai dans l’univers chrétien l’est aussi dans la diaspora juive et dans le monde de l’Islam. Partout où s’est imposée une religion du Livre, la culture écrite a tendu à être le monopole exclusif des hommes de Dieu. Et c’est ainsi que la survie du livre et de son contenu s’est trouvée *de facto* confiée un moment aux moines d’Occident.” Os itálicos são meus.

⁸ Devemos recordar que o patrocinador é mais importante que o *actor*, já que aquele determina o objetivo e as formas dos novos objetos (SPIEGEL, 1995, p. 6).

⁹ “Historical discourse does not, then, produce new information about the past, since the possession of both old and new information about the past is a precondition of the composition of such a discourse. (...). What historical discourse produces are *interpretations of whatever information* about and knowledge of the past the historians commands. These interpretations can take a number of forms, *ranging from simple chronicles or lists of facts all the way over to highly abstract philosophies of history*, but what they all have in common is their *treatment of a narrative mode of representation as fundamental to the grasping of their referents as distinctively historical phenomena*. (...). We must begin, then, with the undeniable historical fact that *distinctively historical discourses* typically produce *narrative interpretation* of their subject matter. The translation of these discourses into a written form produces a distinctive object, the *historiographical text*, which in turn can serve as the subject of a philosophical or critical reflection.”

¹⁰ Para White, esta é, então, uma narração histórica, a qual é “necessarily a mixture of adequately and inadequately explained events, a congeries of established and inferred facts, at once a representation that is an interpretation and an interpretation that passes for an explanation of the whole process mirrored in the narrative.”

¹¹ Por este motivo, Spiegel decidiu que em seus estudos utilizaria as ferramentas dos historiadores sociais e dos historiadores da literatura, situando os textos em seu mundo social e analisando as manipulações ideológicas realizadas em tais objetos: “Thus, in writing *Romancing the Past*, I employed the tools of both social historians and literary historians. I turned to the first because I wanted to situate the texts within a social world to which they themselves do not bear witness. I resorted to the second because I wished to investigate the ideological manipulation of the past that occurs in these writings, to which end I submit them to close, essentially deconstructive, readings and attempt to display the ways in which they tacitly inscribe through a variety of literary techniques the very social context that I have inferred, from *others* sources, to be relevant in understanding their literary character and the motives for their creation.” (SPIEGEL, 1999, p. 1-12).

¹² “The advantage of approaching the medieval chronicle in terms of the social logic of the text is that it permits us to examine it with the tools of the social historian, to see it within a local or regional social context of human relations, systems of communication, and networks of power that can account for its particular semantic inflections and thus aid in the recovery of its full meaning as cultural history seeks to understand it. This meaning, I would argue, while it may be viewed as an insistence of the larger social

discourses that govern it, is not ultimately reducible to an articulation of a pre-existing system of linguistic codes or langue in the Saussurean sense. All texts occupy determinate social spaces, both as products of the social world of authors and as textual agents at work in that world, with which they entertain often complex and contestatory relations. In that sense, texts both mirror and generate social realities, and are constituted by and constitute the social and discursive formations which they may sustain, resist, contest, or seek to transform, depending of the case at hand. There is no way to determine a priori the social function of a text or its locus with respect to its cultural ambience. Only a minute examination of the form and content of a given work can determine its situation with respect to broader patterns of culture at any given time. What this means is that a genuine historiographical analysis must always to some extent be both social and formalist in its concerns, must pay attention to a text's 'social logic' in the dual sense of its site of articulation and its discursive character as articulated 'logos'. Inextricably associated within historiographical texts are a wide range of social and discursive practices, of material and linguistic realities that are interwoven into the fabric of the text, whose analysis as a determinate historical artefact in turn grants us access to the past"

¹³ "C'est dans l'espace ainsi tracé que s'inscrit tout travail situé à la croisée d'une histoire des pratiques, socialement et historiquement différenciées, et d'une histoire des représentations, inscrites dans les textes ou produites par les individus. Une telle perspective a plusieurs corollaires. D'une part, elle définit un type de recherche qui, nécessairement, associe les techniques d'analyse des disciplines peu habituées à une semblable proximité : *la critique textuelle, l'histoire du livre, en toutes ses dimensions, l'histoire socioculturelle*. Plus qu'un travail interdisciplinaire –qui suppose toujours une identité stable et distincte aux disciplines qui passent alliance–, c'est plutôt un découpage inédit d'objet qui est proposé là, impliquant l'unité du questionnaire et de la démarche, quelle que soit l'origine disciplinaire de ceux qui les partagent (historiens de la littérature, historiens du livre, ou historiens des mentalités dans la tradition des *Annales*). D'autre part, cette interrogation sur les effets du sens des formes matérielles conduit à donner (ou redonner) une place centrale dans le champ de l'histoire culturelle aux savoirs les plus classiquement érudits : par exemple ceux de la *bibliographie, de la paléographie ou de la codicologie*. Parce qu'ils permettent de décrire rigoureusement les dispositifs matériels et formels à travers lesquels les textes atteignent leurs lecteurs, ces savoirs techniques, trop longtemps négligés par la sociologie culturelle, constituent une ressource essentielle pour une histoire des appropriations."

Artigo recebido em: 23/10/2014. Aprovado em: 26/05/2015